

A CHITA – UMA GRAVURA NA CULTURA BRASILEIRA

Liana M. Chaves / Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

A chita, tecido símbolo da cultura popular, presentemente está no discurso da moda, sendo sem dúvida uma das maiores e primeiras xilogravuras feitas no Brasil. Sua história espelha um pouco a trajetória da alma brasileira. Tal como a gravura, a chita foi produzida no Brasil no momento que foi instalada a Imprensa Régia e o Collegio das Fábricas. Ontem, a chita se prestava à simples forração de colchões. Hoje, com suas releituras, fascina a todos, cobre quase tudo... ou quem quiser. Insere-se nos mais diversificados espaços sociais, sempre se resignificando. Transformou-se na história ganhando status não convencional, induzida pela indústria cultural e meios de comunicação. Assim como a xilogravura, o desenho da chita expressa uma linguagem particular e 'fala' ao mundo da moda, enquanto escritura visual.

PALAVRAS-CHAVE

chita; gravura; moda; história.

ABSTRACT

The Cheetah fabric, symbol of popular culture, is currently in the speech of fashion, being undoubtedly one of the largest and earliest woodcuts made in Brazil. Its history reflects the Brazilian trajectory. Such as engraving, the Cheetah was produced in Brazil at the time it was installed the Royal Press and the Collegio of Factories. Yesterday, the Cheetah was used just to line mattresses. Today, with its reinterpretations, fascinates everyone, it covers almost everything... or anyone. It inserts on the most diverse social spaces always giving new meaning. It has become in the history making non-conventional status induced by cultural and media industry. As well as the woodcut, the Cheetah design expresses a particular language and 'talks' to the fashion world, while visual writing.

KEY-WORDS

chita; engraving; fashion; history.

Os caminhos da gravura e da chita se encontram

A gravura é responsável por um capítulo na história do ser humano que descobriu em cada época o instrumental para dominar os suportes mais diversos. Iniciada na China, no período anterior à era cristã, com a estampagem da seda, foi utilizada na impressão tabular onde substituiu os livros medievais caligrafados. Conhecida como a mãe da imprensa, devido à descoberta dos tipos móveis, teve importante participação na disseminação do conhecimento através do trabalho editorial no desenvolvimento das ciências e das artes.

Nesse longo caminho, a gravura renovou-se, cresceu-se de novos valores, participando dos novos processos gráficos, para beirar o século XXI como arte independente, podendo ser definida como arte do traçado. Ela resulta da incisão em uma superfície – pedra, madeira, metal, couro, entre outros –, de modo a permitir a prensagem, possibilitando múltiplos da imagem gravada.

No Brasil, a xilogravura se desenvolveu como uma linguagem própria e peculiar devido às diversas influências adquiridas, pois com precisão, mesclou o rigor formal do traço indígena à expressividade da cultura negra, à refinada estética europeia e à agressividade do expressionismo alemão, se tornando uma das maiores manifestações plásticas de tradição no país.



Xilogravuras de Goeldi (1895–1961): *Abandono*, 1937 e *Chuva*, 1957

Tal como a xilogravura, a chita chegou ao Brasil através dos portugueses. Estes mantinham negócios com a Índia e com os ingleses, principais parceiros comerciais de Portugal. A princípio, ela chegou aos estados da Bahia e de Pernambuco, onde

se estabeleçam os mais importantes centros administrativos no início da colonização. Entretanto, sua feitura só se deu quando a Coroa Portuguesa permitiu a impressão de papel e tecido no país.



Chita produzida na Paraíba
Acervo Liana Chaves, 2015

Segundo Herskovits (1986), a gravura foi trazida para o Brasil com a instalação da Imprensa Régia, do Arquivo Militar e do Collegio das Fábricas do Rio de Janeiro. O Collegio englobava a fábrica de cartas de jogar e a estamperia de chitas, que utilizava gravuras com matrizes gravadas em madeira que, a princípio, eram importadas. Assim, a chita é uma xilogravura gravada em panos, em tecidos.

Passeando pela história da chita...

A chita ou pano de colchão, como era conhecida antigamente, tecido símbolo da cultura popular, agora está no discurso da moda. De tempos em tempos ganha espaço em passarelas, galerias de arte, vitrines e palcos, quando estilistas, artistas plásticos, designers e outros criadores redescobrem essas estampas e as incorporam às suas produções. Hoje, a chita é colocada em destaque como elemento alternativo nos objetos de decoração. Ontem, nos anos 1970, ajudou a compor o visual *hippie* das casas, em forrações simples de almofadas e almofadões, móveis, cortinas e colchas. Foram releituras de um passado não tão distante, mas com muitas ressignificações.

O final dos anos 1990 assistiu a uma discreta revitalização do estilo *hippie* chique, que vem se definindo com mais sofisticação, acompanhando a releitura da chita feita por práticas sociais de moda, que imprime diversos toques de cores e de flores.

Hoje, ela é considerada um sinônimo *kitsch*. Transformou-se na história ganhando *status* não convencional, saindo das lojas de decoração para as residências, valorizando acessórios e itens de decoração com estilo, induzidos, evidentemente, pela indústria cultural e pelos meios de comunicação. A chita fascina estilistas, artistas, escritores e todos os antenados com o mundo *fashion*, ocupando outro lugar social, materializando valores sócio-ideológicos.

A história da chita espelha a trajetória da alma brasileira, no passado, no presente, no trabalho, no castigo, nas festas e nos festejos, na arte e na infância. No passado recente, na década de 1960, apelidaram a chitinha de “mamãe-Dolores”, por ser semelhante às usadas pela personagem de mesmo nome da novela O Direito de Nascer, da antiga TV Tupi. No final da mesma década, a chita vestia os participantes do movimento tropicalista e personagens da literatura, do teatro, de novelas e do cinema. Hoje, cobre quase todos ou quem quiser. Falando a linguagem da moda, se insere nos mais diversificados espaços sociais, perpassando pelas classes sociais numa transversalidade singular, ressignificando-se e redizendo o já dito em uma nova discursivização.

A escritura visual da chita conta e reconta a história da cultura brasileira. No Brasil, a chita é um tecido que ‘cobre’ qualquer coisa, qualquer pessoa, de qualquer classe social, independente de etnia, credo, gênero e idade. Nesse sentido, segue uma descrição sócio-histórico-ideológica acerca da sua trajetória cultural, suas ressignificações, modificações e aceitações dentro do contexto social que a moda lhe atribui.

A chita se materializa através de textos verbais e não verbais e sua iconografia sugere muitos “dizeres” no universo da moda. São falas de vários lugares sociais, que lhe atribuem ascensão de *status* social diversos. Nesse transitar, sai da linguagem social da pobreza para habitar o espaço *socialite*, saindo da senzala para o *tré Chic*.

A chita, nas suas idas e vindas, com seu discurso manso, mas também muitas vezes, bastante agitado, dependendo da cor e da estampa com que se apresenta, diz a que veio, como veio e por onde passou; quem encontrou e a influenciou; quem a criou; a quem ela quer agradar; e por quais universos sociais transita e como, às vezes, brilha e, outras vezes, quase se apaga.

Segundo o dicionário Aurélio, o vocábulo chita vem “Do sânscrito, *chitra*, matizado, pelo neo-árabe *chhit*”; “é o tecido ordinário de algodão, estampado em cores”. Entretanto, essa definição não diz exatamente o dia-a-dia desse pano popular. Atualmente, nem todo tecido de puro algodão estampado é chita, tampouco as chitas se apresentam como antigamente – um tapete de flores coloridas, que foram sempre associadas a elas, mas em dezenas de estampas diferentes. Suas padronagens podem se apresentar com listras, xadrezes, motivos natalinos ou juninos, objetos do mar, entre tantos outros.

Para Mellão e Imbroisi (2015),

[...] a história dessa família de panos popularíssimos e bastante acessíveis, descendentes de Dona Maria Chitinha, senhora portuguesa aparentada com Mr. Chintz de Lancashire, que tem primas na região francesa de Provence, parentes na vila portuguesa de Alcobaça, e é descendente de uma casta de trabalhadores indianos. Em terras brasileiras, gerou uma filha mineira, Maria Chita, bonita e flexível, aberta a influências dos quatro cantos do mundo e mãe do imbatível e brasileiríssimo João Chitão. (MELLÃO & IMBROISI, 2005, p.30)

Assim é que essa história começa. No século XV, por causa dos relatos dos viajantes, a Europa ansiava pelas maravilhas do Oriente, como sedas, porcelanas e especiarias e a busca por se encontrar um caminho marítimo que conduzisse até as fabulosas riquezas da Índia. Esse era o desejo de praticamente todos os reinos da Europa. Entretanto, foi Vasco da Gama, um navegador português, quem alcançou às Índias pelo mar naquele século. Especiarias como cravo, canela, pimenta, açafrão e noz moscada não eram os únicos sonhos de consumo da Europa quinhentista. Os ingleses, franceses e diversos povos europeus, quando conheceram aquele algodão estampado indiano, ficaram fascinados. Já os

portugueses não se encantaram tanto com eles, mas sim, com sua comercialização. Segundo Marx e Engels (1998),

A indústria moderna estabeleceu o mercado mundial, para o qual a descoberta da América preparou terreno. Esse mercado deu um imenso desenvolvimento ao comércio, à navegação e à comunicação por terra. Esse desenvolvimento, por sua vez, reagiu à extensão da indústria; e na proporção que indústria, o comércio, a navegação e as estradas de ferro se estendiam na mesma proporção em que a burguesia se desenvolvia, aumentava seu capital e punha em plano secundário toda classe legada pela idade média. (MARX & ENGELS, 1998, p. 4)

Dessa maneira, graças às grandes navegações e à conseqüente descoberta do caminho marítimo para as Índias, o tecido estampado de algodão espalhou-se e conquistou boa parte da Europa. Os franceses denominavam a atual chita de *indiennes*; usou-se ainda a expressão *toile peinte*, ou tela pintada. Os tecidos que chegaram à França no século XVII também ganharam um descendente francês, o tecido leve e florido, conhecido como provençal, por ser característico da região de Provence, referindo-se a sedas e cambraias finíssimas de linho, brocados e algodão franceses, com delicadíssimas estampas florais.

Já na Inglaterra, a padronagem floral recebeu o nome de *chintz*, derivado do termo indiano *chint*, que significa um tecido de algodão mais barato, estampado, de cores bem vivas. Depois de dominar os guarda-roupas das pessoas de classe alta e de ganhar também as paredes em forma de papel, essa padronagem passou a ser usada nas louças de mesa pelos ingleses e, depois internacionalmente, para definir peças decoradas com padrões florais intrincados e vistosos que, geralmente, recobrem a maior parte da louça. O já famoso “chá das cinco inglês” ficou mais charmoso e elegante.

Na Holanda recebeu o nome *sits*, derivado do *híndi*. Tudo isso porque “a necessidade de um mercado constantemente em expansão impele a burguesia a invadir todo o globo. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte” (MARX & ENGELS, 1998, p. 6).

Brasil... mostra tua chita!

Mágica, encantadora e folclórica, a chita é, basicamente, um tecido de algodão chamado de morim, caracterizado por tramas simples e por desenhos ingênuos, limpos e chapados. As cores intensas servem para despistar irregularidades do próprio tecido que são, aparentemente, puras: vermelho, azul, verde e amarelo, que transitam e interagem perfeitamente bem.

Originalmente, a estampa da chita é floral, denominando-se chitinha, quando as flores são miudinhas, e chita, se elas se apresentarem de tamanho médio. E como afirma Garcia (2008, p.1), “nos anos 50, surgiu o chitão, possivelmente devido à largura da fazenda lançada pela fiação e tecelagem São José, tinha o dobro da metragem comumente ofertada no mercado”.

Hoje, a chita anda em alta na moda, apresentando-se com as estampas florais grandes, cores bem vivas e delineadas por contornos na cor preta. Em tecidos diversos de algodão misto, com poliéster estampado, em algodão e linho, seda e até *lycra*. Enfim, ela encontra-se estampada em qualquer tecido.

A chita, chitinha ou chitão tem cara de brincadeira de criança, estando sempre presente nas festas de São João e do interior. Virou roupa de trabalhadoras, vestidinho de menina, integrada no nosso dia-a-dia, ao nosso folclore e ligada sempre às camadas populares. É indispensável na vestimenta dos palhaços das folias de reis ou nos estandartes das festas do Divino¹, dos brincantes. Enche de cores a indumentária de fantoches, bonecos e marionetes e se faz marcante nos cortejos do Maracatu.²

Como informado anteriormente, a chita tem seu nome originado no sânscrito, com antepassados distantes, uma vez que surgiu no Oriente, precisamente na Índia medieval. E, num domínio invertido à colonização, o tecido-pano atravessou idiomas, transpôs mares, povos e culturas para conquistar os europeus e, em seguida, os brasileiros. Em mais de 500 anos de história, a chita foi amada, desprezada, esquecida e lembrada. Foi objeto de desejo das elites europeias, e também roupa de trabalhadores livres, escravos e camponeses no Brasil.

Há registros de que a chita foi moeda de troca no tráfico de escravos, e que todas as damas da corte portuguesa quando chegaram ao Brasil, ao desembarcarem, estavam vestidas de chita, conforme a narrativa espacial do filme *Carlota Joaquina* (1995), de Carla Camurati.

Atravessando fronteiras e cruzando mares, veio vestir os menos abastados, cobrir os colchões, pois cobertos com a chita, a colcha da cama não se fazia mais necessária. A chita vira cortinas nas janelas e toalhas de mesa nas casas do interior por todo o Brasil.

Assim, esses tecidos estampados com flores pequenas e delicadas se multiplicaram em uma explosão de cores e formatos. É nesse contexto que as estampas se transformaram em grandes flores, contornadas em preto, conquistando todos, imprimindo alegria na linguagem vestimentar pela sua gama intensa de combinações textuais.

O colorido da flora e da fauna brasileiras foi estampado na chita e, com esse toque de brasilidade todo especial, a estampa popularizou-se e virou moda. Assim, as tradicionais estampas florais ganharam a companhia de vários outros motivos inspirados na natureza exuberante do Brasil: são figuras de pássaros, borboletas, jacarés, frutas e folhagens tropicais que colorem a chita nacional. São releituras que dão à chita uma brasilidade inconfundível.

E assim, com o passar do tempo, a palavra *chint* foi se abrigando, tornando-se chita. Sua presença é marcante em todo o território nacional, mais acentuadamente nas regiões norte e nordeste. Logo, o pano estampado se fez presente no folclore e em outras manifestações culturais e religiosas dessas regiões, vestindo a todos democraticamente nas celebrações pagãs e nos tradicionais festejos religiosos, conferindo a chita uma transversalidade ímpar.

...E chega a hora do pano de colchão estampar o Brasil

É com o século XX que vieram a luz elétrica, um maquinário têxtil moderno e novos modelos de produção, propiciando à indústria têxtil grande desenvolvimento. Devido a isso, a chita – um dos mais populares tecidos da época – teve seu lugar

assegurado e mudanças que geraram o chitão. Essa história está documentada no museu Décio Mascarenhas, localizado em Caetanópolis, Minas Gerais, onde estão expostas peças da tecelagem mineira, a Fábrica do Cedro.

Em entrevista concedida (2003) a Mellão e Imbroisi, Hildegard Angel, filha da estilista mineira Zuzu Angel, fala que:

Em 1959, ela (Zuzu) fez saias de chita, utilizada para forrações de colchões; era barato, ela estava sem dinheiro. Foi um sucesso. O tecido conquistou as passarelas da moda e ganhou ares de glamour, aparecendo no desfile em diferentes peças, bastante ousadas para a época. As peças venderam como água! (MELLÃO & IMBROISI, 2005, p.161)

Concordamos com Silva (2005), quando este assevera que “não importa a classe, etnia, nem estilo e sim a harmonia e a criatividade na arte do vestir”. Assim sendo, como falou Hildegard Angel, o fato de a chita ter valor econômico menor, não a fez menor que outros tecidos.

No caso de Zuzu, ela apropriou-se da chita, devido às suas condições econômicas, pois ela estava sem dinheiro, segundo sua própria filha. Entretanto, o sucesso pelo uso da chita, na classe social de alta renda, deveu-se, não ao valor econômico, mas ao fato de a chita ter sido utilizada por ela, Zuzu, que pertencia a uma classe social mais elevada. Nesse sentido, a transversalidade se faz notar, mais uma vez, visto que ela (a chita) migrou da pobreza para a riqueza, passando, portanto, a ter um caráter social, e não, econômico. Temos, então, duas diferentes formações discursivas na materialidade linguística da chita. Como afirma Mellão e Imbroisi (2005),

Nem sempre a chita saiu dos bastidores sociais e do folclore para entrar na moda com o atual glamour de universo *fashion*. No final dos anos 60, foi na esteira do movimento *hippie*, com seu visual florido e colorido, e, no Brasil, do tropicalismo, que o pano virou roupa. Nessa época, o vestidinho de chita já era considerado indispensável para a mulher brasileira: básico, simples, fresquinho, ideal para o verão que aquece dois terços deste país durante dois terços do ano. (MELLÃO & IMBROISI, 2005, p.171)

Na década de 1960, tornou-se símbolo de várias revoluções: nos costumes, no comportamento, na moda, na sexualidade e na política. O Brasil vivia os “anos de

chumbo” da Ditadura Militar e a chita ajudava a compor o tom psicodélico daqueles tempos. As roupas de chitão eram a cara do movimento *hippie* se contrapondo a repressão militar. Naquela época, Chacrinha, Gil, Caetano, Tom Zé e a trupe tropicalista se vestiam com chitões coloridos. Assim, a chita foi cantada quando gravada tanto por Gonzaga como por Gil na música “Óia eu aqui de novo”, de Antônio Barros e Ceceu,

“Vem cá, morena linda, vestida de chita... você é a mais bonita desse meu lugar... vai chamar Maria, chamar Luzia, vai chamar Zabé, chamar Raqué... diz que eu tô aqui com alegria... seja noite, ou seja, dia, eu tô aqui pra ensinar xaxado...”.

Entretanto, foi a personagem Gabriela, do livro Gabriela, cravo e canela, de Jorge Amado, na versão novela da Rede Globo de Televisão, em 1975, que marcou a chita no vestuário feminino brasileiro, tornando-se realmente o uniforme da brasileira. A consultora de moda, Glória Kalil, citada por Mellão e Imbroisi (2005, p. 171), assim se expressa em relação à influência do tecido:

Se existe uma coisa que se pode chamar de moda brasileira, é o tubinho de chita da Gabriela, que foi usado por todas as mulheres do país nos anos 70... me recordo de uma imagem que vi naquela época, na vila Trindade, em Paraty, Rio de Janeiro. Naquela época, ali só havia casas de pescadores e mata exuberante; as mulheres estendiam seus lençóis de chitão nos varais, criando as paredes de chitão em meio ao verde. (MELLÃO & IMBROISI, 2005, p. 171)

Em 2008, a chita registrou-se como sinônimo de brasilidade, símbolo da nossa riqueza folclórica e de nossa diversidade cultural, durante o carnaval na Avenida Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro, palco de desfiles de Escolas de Samba, evento cartão-postal da cidade e, muitas vezes, do Brasil. O mundo viu, extasiado, a homenagem que a escola de samba Estácio de Sá rendeu a esse pano, que é a própria trajetória do Brasil. O enredo cantado durante o desfile, “Que chita bacana”, de Alexandre d’Mendes e outros, é o seguinte:

“Vou brilhar... vermelho e branco vem aí!
Sou cultura milenar, vou agora desfilar
O meu encanto na Sapucaí... sou a chita bacana...
vim da Índia, pelo mundo criei fama
Fui tesouro em Portugal... que legal! quem não sabe vai saber...
Fui estampado para inglês também me ver
fauna, flora, natureza, com o toque tropical

no Brasil, minha beleza, virou moda nacional
Que emoção... por todo canto, eu vesti felicidade.
Nos festejos fui palhaço, meu amor!
Colorindo estandarte!...encantou. No folclore, minha arte, Maracatu é folia...
Símbolo de amor e liberdade... espalhei brasilidade nessa vida dita... dura
Veste a sua fantasia, vem sambar! no brilho, espalhado pelas ruas...
Hoje a chita continua
Estácio é comunidade! Nosso amor, nossa paixão...
bate forte coração
minha história vou mostrar ao mundo inteiro...
sou moço, sou brasileiro”.

O cenógrafo Gringo Córdia, que faz uso da chita em seu trabalho, diz que “a chita é uma fotografia da nossa cultura e deveria ser tombada... ela faz parte do imaginário cultural brasileiro”. Tanto que quando fez um show da cantora Elba Ramalho no Canecão, na cidade do Rio de Janeiro, em 1999, usou a chita explicando que: “Eu customizei a chita, bordando com lantejoulas e usando outros recursos...”. Em muitos discursos cotidianos, ouvimos dizer que:

“A chita é a cara do Brasil – tem temperamento nacional. É alegre, colorida, expansiva, sensual, maliciosa, abusada, expõe-se, mas não perde a ingenuidade... um jardim de emoções para enriquecer ainda mais o cenário artesanal brasileiro, com suas coloridas e variadas flores que atribuem um charme à parte onde quer que sejam criativamente 'plantadas', dando visibilidade à imensa diversidade cultural brasileira”.

E Garcia (2007) completa, referindo-se à chita dessa forma:

O designer do tecido-imigrante foi tramando um mosaico mestiço e construindo uma imagem errante e movediça de forma quase imperceptível... uma forte carga histórica e cultural, vai se somando às intervenções propostas por designers... no design têxtil e nas andanças das chitas entrelaçam-se imagens do distante e do próximo; do estrangeiro e do nativo; do lá e do aqui... as camadas culturais se sobrepõem e é impraticável pensar em cercas restritivas. (GARCIA, 2007, p.06)

Um local na Paraíba onde são desenvolvidas as atividades referentes à estampagem da gravura

É no Laboratório de Artes Gráficas Oswaldo Goeldi (LAG) do Centro de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba

(LAG/CCTA/UFPB), em João Pessoa, que são desenvolvidas atividades referentes à estampagem da gravura.

O LAG foi fundado em março de 1993 e ocupa um espaço de cento e cinquenta metros quadrados. Possui dentre seus materiais permanentes duas prensas – sendo uma elétrica –, data show, computador, impressora, mesas e mesões, secadoras suspensas e com pés, cadeiras com mesas e com braços, mapoteca, diversos armários de aço de diferentes tamanhos, além do material necessário para o desenvolvimento de atividades relativas à gravura.

Desde o início das atividades, trabalhamos com diversos modos e procedimentos, experimentando novos materiais, que são utilizados com a finalidade de realizar gravações de várias modalidades de gravura, bem como de novas maneiras, técnicas e suportes.

Fazem parte do nosso grupo de trabalho os alunos que participam das disciplinas da graduação dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais e Arquitetura e Urbanismo nas disciplinas de Gravura I e II, assim como alunos, ex-alunos, artistas e pessoas da comunidade nos cursos de Extensão de Gravura em Metal, Estamparia em Tecido e Batik.

Os trabalhos produzidos se apresentam em diferentes técnicas – papelogravura, linoleogravura, xilogravura, gravura em metal e mistas –, que são impressos em diferentes suportes, como o papel, couro, tecido, etc., a partir de matrizes em papelão, linóleo, madeira, metal, acrílico, acetato, plástico, etc.

A título de conclusão

A chita pode ser considerada o tecido símbolo da cultura popular. Ela, assim como a gravura, foi trazida para o Brasil pelos nossos colonizadores portugueses. No início foi produzida no Brasil, no momento da instalação da Imprensa Régia e do Collegio das Fábricas. Naquela época, era impressa da mesma forma como a xilogravura, uma vez que suas matrizes eram de madeira e assim, ela foi sem dúvida uma das maiores e primeiras xilogravuras feitas no Brasil. Sua história espelha um pouco a trajetória da alma brasileira.

Tanto a indústria cultural como os meios de comunicação transformaram-na e deram-lhe um *status* não convencional. Antigamente, a chita se prestava à simples forração de colchões. Atualmente, devido às suas releituras e aos tecidos em que se apresenta, ela fascina a todos e se insere nos mais diversificados espaços sociais, sempre se resignificando.

Tal como a xilogravura, o desenho da chita expressa uma linguagem particular. A chita apresenta ao mundo da moda, enquanto escritura visual, falas diversas, alegres e singulares, que só ela, enquanto tecido, consegue.

Notas

¹ Festa de origem portuguesa, criada no século XIV pela rainha Izabel. Trazida para o Brasil, é uma festa religiosa móvel, ou seja, realiza-se sete semanas depois do domingo de Páscoa. É também festa profana com manifestações folclóricas peculiares de cada região onde se apresenta. Na Bahia desde sua chegada até hoje, é uma festa bastante comemorada, durando em torno de dez dias. Fonte: www.terrabrasileira.net/folclore/regioes/6ritos/divino. Acesso em 10 nov. 2009.

² É uma manifestação cultural da música folclórica pernambucana afro-brasileira. É um cortejo carnavalesco original de Pernambuco que surgiu em meados do século XVIII, que segue uma mulher que carrega um bastão com uma bonequinha enfeitada, a calunga. Como a maioria das manifestações populares no Brasil, é uma mistura das culturas indígena, africana e europeia. Criado para criticar as cortes portuguesas. Fonte: Wikipédia acesso em 20 nov. 2009.

Referências

ABREU, Alice Rangel de Paiva. *O avesso da moda*. São Paulo: Hucitec, 1986.

BARTHES, Roland. *Sistemas da moda*. Trad. Maria de Santa Cruz. São Paulo: Edições 70, 1967.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade do consumo*. Trad. Artur Morão. São Paulo: Edições 70, 1981.

CASTILHO, Kathia; GALVÃO, Diana. *A moda do corpo o corpo da moda*. São Paulo: Esfera, 2002.

CHAVES, Liana. *Moda e costura: “a casa e o botão” como viés para inclusão social*. 160 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Centro de Ciências Humanas, Letras e Arte da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, julho de 2007.

CHAVES, Liana M. *Gravura – estampa da arte*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB. (Série Sala de Aula, 3ª reimpressão) 2004.

- CLÍMACO, José C. T. de S. *A gravura em matrizes de plástico*. Goiânia: Editora UFG, 2004.
- CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Senac, 2000.
- DASILVA, Orlando. *A Arte Maior da Gravura*. Rio de Janeiro: Espade, 1976.
- DISITZER, Márcia e VIEIRA, Silvia. *A moda como ela é*. Rio de Janeiro, Senac, 2006.
- FISCHER-MIRKIN, Toby. *O código do vestir*. Trad. de Ângela Melim. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- GARCIA, Carol. *Chita, chitinha e chitão: notas sobre imagens e andanças*. Disponível em: http://www.coloquiomoda.com.br/coloquio2007/anais_aprovados/chita-chitinha-chitao-notas-sobre-imagens-e-andancas> Acesso em: 20 out. 2008.
- GIRARD, Suzana Moreira. A Moda é um mass media. *A Tarde*, Salvador: janeiro de 1995. Encarte “Moda, Comunicação e Cultura” da Universidade Aberta do Nordeste. Fascículo II.
- HERSKOVITS, Anico. *Xilogravura – arte e técnica*. Porto Alegre: Ed. Tchê!, 1986.
- KALIL, Glória. Novos tempos, novos códigos. Veja on-line. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/010904/trecho_sociedade.html> Acesso em: 13 maio 2009.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- MARSHALL, McLuhan. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964.
- MARTINS, Itajahy. *Gravura – Arte e Técnica*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura. 1987.
- MARX, K. & ENGELS, F. *O manifesto comunista*. São Paulo: Ed. Paz e Terra. 1998.
- MELLÃO, Renata & IMBRIOSI, Renato. *Que chita bacana!* São Paulo: Ed. A Casa Casa-Museu do Objeto Brasileiro, 2005.
- SILVA, José Carlos de Melo e. *Da heráldica aos folguedos populares, do Tafetá à Chita: uma proposta para a indumentária Armorial (2005)*. Disponível em: <http://www.unicap.br/armorial/35anos/trabalhos/indumentaria_armorial.pdf> Acesso em: 13 maio 2009.
- Nós por aí – Chitas de Alcobaça. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bcFtb4r6VA>> Acesso em: 13 maio 2015.
- Artigos em Chita em Boa Vista, Paraíba. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3E-WI3_3WJ8> Acesso em: 13 maio 2015.

Liana M. Chaves

Arquiteta e Arte-educadora com Mestrado em Serviço Social (UFPB) e Doutorado em Arquitetura e Urbanismo (UFBA). Professora do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Coordenadora do Laboratório de Artes Gráficas Oswaldo Goeldi (UFPB). Atuando nas áreas da Gravura, Moda e Arquitetura.